



## A CATEGORIA DE REGIÃO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: CONTEÚDO E COTIDIANO EM DIÁLOGOS

Geórgia Pedro Corvino

georgiapedro\_@hotmail<sup>1</sup>

### Resumo

*O presente trabalho visa analisar o conteúdo regional nas escolas por meio da perspectiva humanista. Para tanto, tem como objetivo geral discutir o conteúdo sobre região sob a luz da Educação Geográfica, em vista de sua mediação dialogada ao cotidiano dos estudantes. Os objetivos específicos pretendem analisar as perspectivas existentes a respeito do conteúdo regional, compreender as possibilidades fornecidas pela Educação Geográfica de abranger o cotidiano do estudante, analisar como o conteúdo sobre região é apresentado nas escolas e, discutir o conteúdo dialogando com a Educação Geográfica. O conteúdo regional é vasto e pode ser abordado nas escolas tanto como um recorte espacial, uma escala intermediária entre o local e o global, um espaço homogêneo, uma organização econômica do espaço, quanto como um espaço produzido e organizado por grupos sociais diversos, que por seu turno, é a abordagem que guia este trabalho. Por isso, a Educação Geográfica se apresenta interessante para nós, já que permite o debate a respeito do conteúdo regional em relação à realidade dos estudantes, que também são atores sociais da organização, produção e reprodução da história, da cultura e do espaço em que vivem. A articulação entre os conteúdos geográficos escolares e o cotidiano dos estudantes aproxima o conhecimento científico ao conhecimento desenvolvido a partir das práticas cotidianas, na qual os elementos culturais dos atores sociais permitem a produção de um conhecimento dialogado com sua realidade. Compreendemos que tanto o conhecimento científico quanto o popular são essenciais no processo de desenvolvimento intelectual, pois a construção do pensamento é desenvolvida a partir das experiências vividas em sociedade e, pela mediação pedagógica, educativa e didática dos conteúdos científicos, estabelecendo-se, então, uma relação entre ambos. Desta forma, permite-se que o estudante perceba a relação entre os fatores que produzem e organizam o espaço, mesmo que estes não estejam visíveis à percepção, além de estimular reflexões sobre suas práticas e saberes cotidianos para que busquem suas questões e suas respectivas soluções. Nossa metodologia compreende observar aulas de Geografia nos 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental no município de Niterói-RJ, analisar as abordagens e os diálogos sobre o conteúdo regional apresentados nos livros didáticos e realizar entrevistas com os professores dos referidos anos escolares. Deste modo, poderemos fazer considerações sobre a categoria de região dialogada às práticas e aos saberes produzidas cotidianamente pelos estudantes, a partir da perspectiva humanista.*

**Palavras-chave:** Educação, perspectiva humanista, análise regional.

### Introdução

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores – UERJ.

O estudante produz e reproduz saberes carregados de subjetividade, levando para a sala de aula sua trajetória histórica, sua cultura, sua visão de mundo e suas perspectivas de futuro, se relacionando com o mundo por meio das representações simbólicas e das práticas sociais, tornando-se produto/ator da sociedade em que está inserido. Isto é, ele produz um pensamento que é dele e da sociedade concomitantemente. Posto isto, consideramos interessante trabalhar a realidade que ele constrói e que o constrói, mediando conceitos e conteúdos que valorizem suas experiências sociais, históricas e culturais, pois como diz Lana Cavalcanti (2012, p. 157), “o conhecimento (...) é resultado de processos complexos, desenvolvidos por sujeitos em atividade mental em sua relação com o mundo”. Tão importante quanto o desenvolvimento das habilidades mentais, são aquelas desenvolvidas a partir das suas experiências sociais e individuais. Para tanto, a escola, sendo um lócus dos conhecimentos científico e cotidiano, contribui para que os estudantes associem e compreendam as suas realidades sociais e, por meio da consciência geográfica, compreendam a relação entre os fenômenos produzidos e organizados no espaço onde vivem.

No mais, a mediação deve ser guiada de maneira que exponha as complexidades dos fenômenos e das práticas socioespaciais dos estudantes e, sendo atores sociais, é interessante que se estabeleça relações entre os fenômenos locais e globais, visto que as particularidades de seus espaços cotidianos fazem parte da dinâmica de outros espaços. Quer dizer, suas particularidades estão inseridas numa sociedade e num mundo. Compreendemos que a mediação da categoria de região, contemplada nas suas múltiplas abordagens e perspectivas, pode auxiliar na formação educacional dos atores sociais pois evidencia suas produções espaciais. Visto que nossa questão busca aproximações entre a referida categoria e o cotidiano social, a Educação Geográfica pode ser um dos caminhos que permite a compreensão sobre o mundo contemporâneo.

Considerada como o estudo da síntese entre os elementos físicos e humanos, a região era o resultado das diferenciações e comparações entre as paisagens que compõem a superfície terrestre. Assim, a função da região seria a de delimitar e recortar a superfície terrestre em partes que se apresentam na paisagem de forma homogênea, uniforme e estável. Outra abordagem referente à região, é considerar seu processo de formação aliado ao processo de globalização, no qual as regionalizações são feitas de forma funcional em que, cada vez mais, explora-se os



espaços e seus sujeitos, por meio de uma tendência de padronização em vista de impor uma visão única de produção social dos espaços. Todavia, autores como Allen & at. (1998) e Haesbaert (2010) apontam que a análise regional pode ser abordada a partir da perspectiva humanista, a fim de considerar as diversas formas de produção e organização do espaço a partir das práticas sociais e culturais.

Visto isto, nossa questão é: a perspectiva humanista na mediação do conteúdo de região é apresentada nas escolas? Se não, por quê? Quais os diálogos apresentados que poderiam aproximar cotidiano e conteúdo regional? Se sim, como ela é apresentada? Qual a sua contribuição para o desenvolvimento da consciência geográfica nos estudantes? Portanto, discutiremos sobre a análise regional a partir das práticas e saberes desenvolvidos pelos grupos sociais e, sobre a Educação Geográfica a fim de dialogarmos com o debate nas escolas. Desta forma, defendemos ser possível contemplar as diferentes visões e perspectivas referentes à categoria de região, em vista da compreensão de que esta constitui em descontinuidades, particularidades e multiplicidade no espaço produzido pelas diferentes sociedades. Ademais, compreendemos que Geografia e Educação podem estabelecer relações entre o conhecimento científico e a formação cultural dos sujeitos.

Nosso campo de pesquisa está sendo realizada numa escola pública do município de Niterói, Rio de Janeiro, nos 7º, 8º e 9º ano do 2º segmento do Ensino Fundamental, na qual estão sendo observados os aspectos abordados na mediação do conteúdo regional, os debates apresentados nos livros didáticos referentes ao tema e, serão realizadas entrevistas com os professores no intuito de compreendermos as perspectivas contempladas a respeito do tema.

### **Objetivo Geral**

Analisar a categoria de região a partir da perspectiva humanista nas escolas.

### **Objetivos específicos**

- Compreender as abordagens e as perspectivas desenvolvidas na análise regional;
- Compreender a Educação Geográfica;
- Analisar as abordagens sobre o conteúdo de região nas escolas;

- Discutir as contribuições da análise regional na compreensão do cotidiano dos estudantes para uma consciência geográfica.

## **Metodologia**

Nossa pesquisa trata-se de analisar como este conteúdo é mediado atualmente e, por isso, a conduziremos numa perspectiva humanista, que entende as relações sociais integradas aos espaços diferenciados a partir das identidades dos sujeitos, pois o projeto visa considerar a multiplicidade de abordagens e aspectos contemplados na Geografia Regional, inclusive o cotidiano. Desta maneira, discutiremos alternativas e outras funções para o processo de regionalização que, como defende Rogério Haesbaert (2010), pode estar relacionado à ação e as relações dos sujeitos que produzem o espaço.

As entrevistas e observações estão sendo realizadas em uma escola municipal de Niterói, Rio de Janeiro, nos anos 7º, 8º e 9º do 2º segmento do Ensino Fundamental, pois são os anos em que o conteúdo de região é trabalhado nas escolas. Serão também analisados os materiais didáticos utilizados. A pesquisa ainda se encontra em fase de execução.

## **Sobre o conceito de região**

A base teórico-conceitual compreenderá autores que auxiliaram para a constituição da Geografia enquanto ciência, para o desenvolvimento da categoria de região e para reflexões a respeito da Educação Geográfica.

Primeiramente, analisaremos obras que definiram região como a síntese de elementos homogêneos da paisagem, recortando a superfície terrestre em partes que seriam diferentes entre si. Autores como Vidal de la Blache, em *Princípios da Geografia Humana* (1954), e Carl Sauer, em *A Morfologia da Paisagem* (1925), nos permitem compreender a análise regional à época. Ambos diferenciavam a superfície terrestre a partir das similaridades entre os elementos naturais e sociais da paisagem, porém o fizeram sem considerar o homem enquanto um sujeito dotado de poder de transformação da superfície terrestre.



La Blache (1954) pensa o meio enquanto principal ator sobre os grupos humanos, sendo estes determinados pelas características físicas que o espaço em que eles estão inseridos oferece. Para ele, são as leis da física que regem as relações entre os seres vivos que povoam a superfície terrestre e, os comportamentos humanos eram vistos como o resultado da combinação das condições do meio. Em sua visão, o objeto de estudo da geografia é o todo da superfície terrestre e, as regiões compreendem às partes desse todo, que se organizam de acordo com suas similaridades. A partir das observações e descrições do meio físico, os espaços são organizados e recortados em partes de características homogêneas da fisionomia da vegetação, do solo, da temperatura e da umidade. Assim, cada região corresponde à área espacial recortada, representando um domínio onde os organismos vivos vivem e se adaptam a uma vida em comum para melhor se desenvolverem.

Já Carl Sauer (1925) defende que a representação correta da forma dos aspectos físicos da superfície terrestre é o objetivo da pesquisa geográfica. Para ele, a geografia enquanto uma ciência corológica, sintetiza os elementos das áreas física e humana, que quando descritos separadamente e, somados posteriormente, permitem a análise das características gerais da superfície terrestre. Este autor argumenta que a analogia orgânica se mostra útil no campo da pesquisa social, em que a classificação das formas dos elementos físicos da superfície terrestre serve como base para estudar os fenômenos sociais. Sauer (1925) admite que, em certo sentido, área e região são termos equivalentes, pois correspondem ao recorte do espaço, que reúne os elementos que se assemelham e separa aqueles que se diferenciam. Com isso, o desenvolvimento da geografia regional propiciou a comparação entre áreas, que eram diferenciadas a partir das classificações descritivas da superfície terrestre, realizadas através de observações dos processos físicos. Para ele, a geografia regional corresponde à morfologia comparativa, num processo de comparar paisagens individuais em relação com outras paisagens, seguindo o sentido corológico.

Enquanto que para Richard Hartshorne, em *Propósitos e Natureza da Geografia* (1978), afirma que, antes mesmo de Sauer, Hettner já defendia que a Geografia é uma ciência da diferenciação “das áreas e lugares terrestres em termos de suas diferenças e de suas relações espaciais” e, “em termos de suas diferenças regionais” (Hettner apud Hartshorne, 1978, p. 14). E ainda acrescenta à definição de Hettner o sentido de “estudo”, em que por meio deste, a Geografia teria, então, como finalidade determinar “qual o maior ou menor vulto das diferenças

específicas que existem entre” as áreas (HARTSHORNE, 1978, p. 17). Desta maneira, pode-se determinar e descrever o caráter de cada área - ou como o autor também se refere -, de cada região. No mais, a Geografia seria o estudo das relações entre as diferenciações de áreas, que aproveita os estudos sistematizados dos fenômenos mais variados para compreender as relações existentes. Deste modo, a Geografia não seria uma ciência sistematizada, mas a sistematização tornaria o desenvolvimento do conhecimento sobre o universo mais rápido e com resultados mais seguros, isto é, a especialização não obrigaria os estudiosos a conhecerem os fenômenos em sua totalidade, bastaria que se aprofundassem em um campo e, a partir disso, caberia à Geografia estabelecer as articulações entre eles (HARTSHORNE, 1978, p.28). A análise regional, por seu turno, constituiria em um método para compreender os fenômenos de um determinado espaço.

Já Roberto Lobato Corrêa, em *Região e Organização Espacial* (1986), analisa o processo de regionalização a fim da organização espacial para o avanço da economia, no qual adquire as dimensões política e econômica, para articular o modo de produção, as classes sociais e o Estado. Por isso, visa diferenciar áreas da superfície terrestre de modos distintos, ora com mais intensidade e rapidez, ora mais discreto e paulatino - enquanto uns espaços são altamente modificados, outros estão, aparentemente, inalterados. Apesar das dinâmicas serem diferenciadas, os espaços estão, sempre, integrados. Por isto, o autor afirma que o processo de regionalização se apresenta cada vez mais complexo, pois separa-se os espaços em regiões aparentemente diferentes, mas essenciais para a constituição e reprodução do sistema econômico e, não às produções culturais e históricas das sociedades.

Segundo Rogério Haesbaert, em seu livro *Regional-Global* (2010), os processos de globalização e de regionalização são indiscerníveis, visto que suas dinâmicas são complementares e imbricadas, ou seja, ambos processos tendem a diferenciar os espaços, alguns mais, outros menos, para a criação de melhores estratégias geográficas de circulação, acumulação e dominação. No entanto, o autor aponta que o processo de regionalização pode ser feito pelo reconhecimento das práticas sociais, a partir da identidade cultural dos sujeitos, ou seja, não deve ser dissociado a ação dos sujeitos que produzem e interagem com o espaço. De acordo com Stuart Hall (2006) o processo de globalização visa estipular um padrão homogeneizante, classificando identidades como “boas” ou “ruins”, numa tentativa de fazer os



sujeitos se subverterem à um “ideal de identidade”. Contudo, as identidades são instrumentos para que os sujeitos se representem no espaço e, por tal motivo, o autor acredita que apesar da atual dinâmica econômica e do processo de globalização tentarem impor um padrão de formas de vida e de produção do espaço, é improvável que as diversas identidades e formas de vida que existem sejam destruídas. Por isso, consideramos que as regionalizações podem ser o produto de particularidades refletidas no espaço, constituídas pelas relações sociais, culturais e/ou históricas.

Enquanto que para Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011), o regionalismo trata-se de práticas regionalistas, ao qual determinados grupos sociais percebem e representam o espaço baseados nas diferentes formas produzidas pela sua cultura. Mas juntamente aos regionalismos, existem discursos imagéticos que ao representarem o real, institui “reais”, numa “verdade inverossímil” sobre o espaço e suas produções sociais, econômicas, políticas e culturais. Já Ann Markusen, em *Região e regionalismo* (1981), defende que o regionalismo pode constituir em “luta regional”, pois as práticas culturais fundamentam em um grau de autonomia e resistência a mudanças na dinâmica social. Estas lutas regionais visam o “direito do grupo a sua língua, religião e instituições sociais, e o direito de mudá-las segundo seu desejo, sem destruição violenta ou mudança imposta por outro grupo” (MARKUSEN, 1981, p. 74). Apesar disso, o regionalismo não se restringe à questões culturais. A dimensão política influencia na luta regional, posto que se trata de uma reivindicação frente à estrutura e a dinâmica do Estado para que um grupo social continue a produzir e reproduzir o seu modo de vida em seu território, em seu lugar. Para Markusen (1981), o regionalismo pode representar lutas de dimensões políticas, econômicas e culturais.

No mais, compreendemos que a região pode ser um produto das práticas sociais que permite aos sujeitos atribuírem no espaço suas particularidades de se relacionar. Portanto, no próximo tópico abordaremos como o conteúdo regional pode ser dialogado às práticas e aos saberes dos estudantes.

### **Sobre a Educação Geográfica**

Segundo Ruy Moreira (2017), a geografia é a ciência das práticas e dos saberes espaciais, que configuram o espaço a partir da diversidade cultural das sociedades. Isto é, a construção geográfica da sociedade se fundamenta nos saberes transformados em práticas decorrentes da relação homem e natureza, que permitem o homem, em sociedade, de produzir os seus meios de existência. Assim, a sociedade estabelece uma relação dialética em que o seu saber sobre o espaço permite a maior eficiência de suas práticas, que, conseqüentemente, faz com que ela aprimore seu saber para os melhores usos dos meios de existência. Para o autor, as práticas e os saberes espaciais produzidos pelas diferentes sociedades formam uma dinâmica estrutural, que estabelece relações entre as categorias empíricas, correspondendo ao processo de constituição geográfica.

As práticas e os saberes espaciais, quando analisados na sua totalidade, permitem a construção de novos conhecimentos, pois valida a multiplicidade de vivências dos atores sociais e as relações de seus fenômenos na complexidade do mundo contemporâneo que, pretensamente, é chamado de globalizado. A tendência de padronização dos modos de vida não é capaz de eliminar sua multiplicidade, visto que estes atores sociais produzem saberes e desenvolvem práticas de variadas formas. Desta maneira, entendemos que os saberes e as práticas espaciais dos estudantes podem consolidar um caminho alternativo para promover análises sobre sua realidade, no qual compreendendo-a, compreende-se também o conteúdo geográfico. Ao serem contemplados na escola, as práticas e os saberes espaciais cotidianos dos estudantes podem promover o desenvolvimento de pensamento a partir da ação pedagógica, didática e educativa dos conteúdos, permitindo que tenham autonomia e o controle para influenciar na sua sociedade.

A Educação Geográfica visa evidenciar a complexidade e a relação entre os fenômenos espaciais vivenciados pelos estudantes na atualidade, em que as práticas pedagógicas se fundamentam na experiência vivida por eles em diálogo aos conteúdos geográficos contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico. O cotidiano ganha centralidade, posto que compreendendo-o, o estudante também compreende o mundo contemporâneo. A mediação de conhecimentos descontextualizados ao cotidiano dos estudantes subalterniza saberes populares em favorecimento do conhecimento científico e, por isso, David Davim & Eduardo Marandola (2016) recorre à perspectiva humanista na geografia cujo propósito é



entender os espaços por meio das sensações, dos afetos e das relações produzidas pelas sociedades. Trata-se de uma alternativa que aproxima o conhecimento científico ao popular, se apropriando dos elementos culturais e do cotidiano dos atores sociais, para então, compreender o contexto aparentemente fluido e múltiplo da atualidade, superando a mediação de conhecimentos distantes às suas realidades.

Lev Semenovich Vygotsky (2009) afirma que os conceitos espontâneos se relacionam aos conceitos científicos, em que um influencia o outro concomitante e permanentemente, ou seja, ambos são essenciais no processo de desenvolvimento intelectual. Assim, o pensamento é desenvolvido por meio das experiências vividas pelos sujeitos em sociedade e, pela mediação pedagógica, educativa e didática dos conteúdos científicos. A sistematização do conhecimento pode estimular nos estudantes diferentes percepções e análises sobre a realidade que, sem a ação educativa, provavelmente não o seria. Trabalhados em processo uno, os conceitos científicos e os espontâneos podem desencadear no desenvolvimento do pensamento mais aprofundado do que se fossem trabalhados separadamente. Se um permite analisar a realidade vivida, o outro permite analisar o que está para além da percepção. Dado que os saberes e práticas espaciais se tornam cada vez mais complexos, os conteúdos escolares também apresentam níveis de complexidade diferentes que, articuladamente, formam um sistema. Este sistema é responsável por permitir que os estudantes estabeleçam diálogos entre os conceitos espontâneos e os científicos e, assim, alcançar a consciência e o controle sobre suas ações cotidianas, ou seja, tornarem-se autônomos de seus saberes e práticas espaciais. No mais, “o fato de nos tornarmos conscientes das nossas operações e de vermos cada uma delas como um processo de determinado tipo — tal como uma recordação ou a imaginação — conduz-nos a dominar esse processo” (VYGOTSKY, 2009, p. 92).

José Armando Santiago Rivera (2015) defende a importância da ação pedagógica, educativa e didática em permitir a inserção do cotidiano das comunidades no ensino, ultrapassando a transmissão de conteúdos descritiva, que não relaciona os fenômenos existentes no espaço. Assim, a aproximação da realidade vivida ao saber mediado nas escolas possibilita que os sujeitos tenham autonomia para intervir na sua própria comunidade e valorizar suas subjetividades (2015, p.6). O atual momento histórico e os acontecimentos do cotidiano se apresentam de forma confusa e numa aparente rapidez do tempo, o que o autor chama de “artificialidade do tempo diária” e, nesta complexidade, a relação entre os fenômenos tendem

a ser mais sutil ou, até mesmo, imperceptível. Por compreendermos que os fenômenos da realidade são fontes de conhecimento, abordar o cotidiano na Educação Geográfica pode estimular reflexões sobre o saber e as práticas espaciais dos estudantes, para que estes, enquanto atores sociais do mundo contemporâneo, busquem as questões e soluções para suas necessidades. No mais, a Educação Geográfica

[s]e trata de reconocer el lugar que habita el colectivo social, pues es allí donde se vincula con sus coterráneos en su mismo territorio, pero del mismo modo, donde realiza la transformación territorial como construcción colectiva; es decir, el mundo vivido en sus actos y realizaciones (RIVERA, 2015, p.10).

A ação educativa é uma constância de descobrimentos e redescobrimientos de fenômenos espaciais, posto que a sociedade é uma constância de produção, e reprodução, de fenômenos espaciais. Logo, ela tem por objetivo estimular a busca, o desenvolvimento e a transformação de novos conhecimentos sobre a realidade. Os conteúdos produzidos pelo campo científico constituem apenas uma das formas de promover o conhecimento, que por sua vez, não deve ser considerado como a única fonte de saber legítimo. A produção de um novo conhecimento necessita da superação da deficiência da ciência moderna em compreender a realidade e, analisar os fenômenos imanente as práticas sociais (DAVIM & MARANDOLA, 2016, p. 687).

Para Omill (2012, apud Rivera, 2015), sendo atores de práticas sociais, a realidade dos sujeitos não se separa da realidade de outros sujeitos, as escalas locais da realidade dos sujeitos estabelecem articulações em escalas globais. Ou seja, a Educação geográfica permite que compreendendo a sua própria realidade, os atores sociais possam analisar as relações entre as diferentes dinâmicas de outras realidades. O desenvolvimento de pensamentos dialéticos sobre a realidade permite reflexões críticas a respeito do cotidiano e das práticas dos atores sociais e do mundo contemporâneo globalizado.

## **Resultados obtidos**



Por ainda nos encontrarmos em pesquisa, não obtivemos resultados. Foram observadas aulas do 7º ano de uma escola municipal de Niterói, durante 3 meses, em que foi mediado o conteúdo sobre as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Por serem regiões econômicas, a mediação do conteúdo contemplou a divisão do território brasileiro a partir da dimensão econômica, isto é, abordando os aspectos físicos e as produções sociais que beneficiam o avanço e o desenvolvimento desta dimensão.

Nossas observações estão em andamento nos anos 8º e 9º, para entendermos como o conteúdo regional é abordado para debater as produções sociais e organizações espaciais mundiais.

A partir de nossos resultados, discutiremos se a perspectiva humanista é contemplada na mediação sobre o conteúdo regional e, quais as relações estabelecidas entre cotidiano e região.

### **Considerações finais**

Consideramos interessante a mediação do conteúdo regional sob a luz da Educação Geográfica, pois compreendemos que mediar o conteúdo abordando sua multiplicidade interpretativa pode possibilitar ao estudante o entenda em suas discontinuidades e heterogenias posto que é indissociável às práticas econômicas, sociais, culturais e históricas. Entendemos que a Educação geográfica visa novos caminhos para a construção do conhecimento, estabelecendo diálogos entre os conteúdos geográficos, as realidades dos estudantes e a complexidade do mundo contemporâneo e, com isso, validando seus saberes e práticas espaciais enquanto ciência.

A categoria de região pode ser analisada por meio de diversas perspectivas e abordar múltiplos aspectos da organização espacial. No que lhe concerne, a perspectiva humanista permite que as produções culturais dos atores sociais ganhem centralidade na análise regional, quer dizer, que o recorte espacial possibilite compreendermos a organização e a produção espacial a partir das práticas e dos saberes desenvolvidos pelos atores sociais.

Portanto, defendemos que a categoria de região pode ser mediada em relação ao cotidiano dos estudantes, para que compreendam que a região também representa suas práticas



e saberes produzidas e organizadas em *seu* recorte espacial. Destarte, diferentes visões e interpretações a respeito do conteúdo regional contribuem para o desenvolvimento da consciência geográfica nos estudantes, permitindo-os apreender que os espaços são resultados das produções e das organizações sociais e, por isso, estão abertos a mudanças e, representam diversidades e descontinuidades.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

DAVIM, David Emanuel Madeira; MARANDOLA JR, Eduardo José. O pensamento fenomenológico na educação geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 47, p. 684-713, 2016. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/geografia/article/view/11239>>. Acesso em: 22 fevereiro 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1978.

MARKUSEN, Ann Roel. Região e regionalismo. **Espaço e Debates**, São Paulo, ano I, nº 2, p. 61-99, maio, 1981.



**14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**  
**Políticas, Linguagens e Trajetórias**  
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

MOREIRA, Ruy. Uma ciência das práticas e saberes espaciais. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 13, nº 2, p. 26-43, jul-dez, 2017. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/30458>>. Acesso em: 7 fevereiro 2019.

RIVERA, José Armando Santiago. Los escenarios de la cotidianidad, la educación geográfica y la compleja realidad globalizada. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas (SP), v. 5, nº 9, p. 4-28, jan./jun 2015. Disponível em: < <http://revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/302>>. Acesso em: 14 fevereiro 2019.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12 – 74.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Estudo do desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na infância. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.